

(Des)narrativas imagético-sonoras

Marcus Pereira Novaes

"A imagem ainda está por vir, por ser criada, por ser inventada."

Susana Dias e Alik Wunder

O processo de junção entre fotografias e sons é uma prática comum na contemporaneidade. Ao escolhermos uma determinada sequência de imagens fotográficas, possivelmente as ordenamos em série de modo a criar uma certa coerência entre as imagens em sua forma final de apresentação. Depois inserimos uma trilha sonora que muitas vezes buscará exprimir algum sentido ou sentimento que possa ser reconhecido por um juízo ou uma interpretação adequada ao que é visto e ouvido, e gerar assim um sentimento localizável (alegria, amor, repulsa, ódio...) em quem percebe tal conjunto de imagens.

Essa prática comum, quando tomada dentro do espaço escolar, busca geralmente um certo tipo de aprendizagem nos usos das imagens e sons que ainda toma o movimento de reconhecimento como modelo e que pouco pode oscilar em relação a uma forma lógica de entendimento. Essa linha tende a tomar a imagem como representação do mundo.

Será que uma aprendizagem imagética também não se mostraria potente quando os estudos e as experimentações com imagens não se ancoram apenas em modelos de reconhecimento? Haveria força ao se apostar em outras relações entre as formas que compõem um bloco de imagem e com as quais o conteúdo ou juízo também pudessem variar?

Instigados por esse desafio e baseados em algumas pesquisas do grupo Humor Aquoso da Faculdade de Educação da Unicamp, buscamos pensar neste trabalho outras formas de pensar nossas conexões com a imagem dentro do espaço escolar.

Propusemos a um grupo de crianças de uma escola de Campinas, com faixa etária variada (entre 4 e 10 anos de idade), que produzissem

dentro da escola sons que não remetessem diretamente a esse ambiente, mas que fossem produzidos no próprio espaço escolar. Em outras palavras, desafiámos que dentro do colégio essas crianças falsificassem ou buscassem enganar uma possível identificação primária capaz de reconhecer com exatidão o que era ouvido. As sonoridades produzidas remetiam, em sua maioria, a sons do cotidiano habitualmente reconhecíveis quando associados a uma memória longa.

Em uma outra etapa mostramos esses sons às crianças de uma série determinada, com faixa etária por volta de sete anos, que ouviram e levantaram diferentes hipóteses quanto à origem sonora de cada um deles, sem que no entanto explicássemos ou disséssemos o que eram ou como foram produzidos. Pedimos então que esse grupo de alunos fotografasse diferentes pontos do colégio e tentassem não declarar pela imagem o que fotografaram. Em um processo próximo ao desenvolvido com o grupo de crianças que criaram diferentes sonorizações, a maior parte das crianças que compuseram o grupo da fotografia também buscou enganar os sentidos primários de identificação habitual, só que agora no campo visual.



Compondo uma terceira etapa do trabalho, também realizada com esse segundo grupo, mostramos todas as imagens digitais feitas pelas crianças e colocamos novamente os sons iniciais. Utilizando um editor de vídeo, dividimos as crianças em grupos e pedimos que escolhessem um dos sons e posteriormente que ordenassem as imagens conforme quisessem conectando-as ao som escolhido. O efeito final de junção entre imagem e som se mostrou mais questionador e contrastante em relação ao uso habitual e lógico, do que próximo a uma referência cotidiana.

Esses 'fotovídeos'¹ foram exibidos no corredor em que ficam as salas de aulas, na forma de uma videoinstalação.

As 'imagens-infantis' produzidas pareceram-nos potentes em abrir questionamentos tanto quanto às diferentes possibilidades de criações imagéticas quanto em se pensar um deslocamento entre o que está preestabelecido em uma educação estética, bem como as potencialidades de abertura a devires que possam fomentar outros blocos de infância que atravessam o espaço escolar.

Referências:

DIAS, S.O.; WUNDER, A. Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões-postais. In: AMORIM, A. C., MARQUES, D., DIAS, S. O. (Orgs.) Conexões: Deleuze e vida e fabulação e...Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas, SP: ALB, 2011. p. 89.

Sobre o autor: Marcus Novaes é mestre em Educação (FE-Unicamp) e pesquisador do grupo Humor Aquoso (FE-Unicamp). Também compõe a atual diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB) e atua como coordenador pedagógico do Colégio Educap (Campinas-SP).

¹ NOVAES, M. P. Outros sons... outros olhares... Novas percepções? Disponível em: https://vimeo.com/123658188?utm_source=email&utm_medium=clip-transcode_complete-finished-20120100&utm_campaign=7701&email_id=Y2xpcF90cmFuc2NvZGVkfGI2YmI2MWZmOTc0MjdhNDcxY2Y0MDdIZTk2YWY2NmYxMTA0fDE4Njc2MTUxfDE0Mjc3NDU2MDR8NzcwMQ%3D%3D. Acesso em: 25/03/2015.